

A felicidade não depende da renda

Pesquisa feita em 132 países mostra que o brasileiro derruba o clichê que liga renda a felicidade, diz Marcelo Neri, da FGV, em artigo para o **JB**. O 22º povo mais feliz do mundo ocupa apenas a 52ª posição no ranking de renda. **Economia E1 e E2**

PESQUISA

Brasileiro derruba clichê que liga renda a felicidade

22º no ranking de alegria presente, país é o 52º em riqueza per capita

Ludmilla Totinick

Você já deve ter se perguntado ou participado de alguma discussão em torno da polêmica questão: dinheiro traz felicidade?

De acordo com pesquisa divulgada pelo economista e chefe do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, realizada pelo instituto Gallup World Poll em mais de 132 países, para cada 100% de aumento de renda a felicidade geral das nações sobe 15%.

Marcelo Neri diz que o aumento dessa felicidade é maior no curto prazo do que ao longo do tempo.

— Ou seja, dinheiro traz a felicidade — confirma o economista. — É uma estimativa empírica. Porém depois de determinado tempo, a pessoa se adapta ao novo estilo de vida.

No artigo exclusivo para o **JB** (publicado na próxima página), Neri revela que o Brasil contraria um pouco esta norma internacional: o país é número 22 no ranking mundial de felicidade presente acima da

52ª posição no ranking de renda em 132 países.

— O brasileiro tem excesso de felicidade presente em relação a sua renda. Mas se a renda do brasileiro aumenta, a felicidade também deve aumentar — comenta o economista.

Segundo Neri, os dados atuais são melhores porque cobrem o mundo todo, não ficam restritos aos países de renda média. O estudo revela que os latino-americanos são mais felizes do que a renda permitiria e o pessoal do Leste Europeu é mais infeliz do que a renda sugeriria.

Para o economista, cada pessoa tem as próprias idéias sobre felicidade e sobre o que é uma vida boa. A felicidade dos indivíduos poderia ser captada perguntando diretamente às pessoas o quão satisfeitas elas estão com suas vidas. As variáveis de interesse estão baseadas no julgamento das pessoas por elas mesmas.

A FGV está fazendo uma série de estudos sobre o tema. De como medidas componentes do IDH impactam a felicidade?

O estudo mostra ainda que a renda corrente tem mais impacto sobre a felicidade presente do que sobre a futura, o que seria consistente com a presença de miopia, impaciência, deficiências de hábitos, in-

certezas ou de restrições no mercado de crédito que tomariam a felicidade presente mais sensível a mudanças de renda observadas no mesmo período. Todos estes elementos são também candidatos a explicar a trajetória crescente de felicidade ao longo do tempo.

Contrariando a pesquisa, a psicanalista Eliana Mello Helsinger diz que dinheiro pode ajudar a pessoa a se sentir mais feliz sim, mas não é o fator determinante.

— A pessoa pode até deixar de se preocupar com as contas e por isso pode até se sentir mais alegre, tem a possibilidade de largar tudo e ir viajar. Porém, o mais importante é que a pessoa tenha uma estrutura psíquica saudável para poder usufruir bem desse aumento de renda — explica Eliana. — A grande questão é de como ela vai se comportar, pois o fato de ter dinheiro não significa nada. Ele não compra amigos, amor, auto-estima, enfim, só coisas materiais. O ter não preenche todo o ser. O cliente mais infeliz que tratei é uma das pessoas mais ricas do Rio.

Equívoco

Para a psicanalista, há confusão sobre o conceito de felicidade.

— Há um equívoco muito grande na sociedade atual, em que as pessoas estão aflitas pelo poder e pelo sucesso. E muitas vezes não conseguem e quando atingem o objetivo não se sentem felizes. Acreditam que ter é ser. São pessoas que muitas vezes compram uma série de coisas e mesmo assim sentem um vazio muito grande porque não conseguem sentir prazer nas pequenas coisas da vida — comenta Eliana. — Em compensação, a pessoa que é saudável psicologicamente lida bem com o dinheiro. Sente prazer ao ler um livro, com uma conversa com os amigos, ao assistir a um bom filme.

Eliana ressalta que a maneira como a pessoa foi criada, como foi a infância, seus princípios, a história de vida dessa pessoa são muito importantes para determinar quem é a pessoa hoje e como ela se sente.

— Para quem não tem dinheiro, o simples fato de ter um objetivo, de querer enriquecer já é um componente que pode gerar felicidade — explica a psicanalista. — Geralmente, as pessoas dão o que têm. Quem é amoroso é porque recebeu durante a vida e tem dentro de si. O dinheiro não muda a essência das pessoas.

Para psicanalista, felicidade e alegria são diferentes

Para o psicanalista Luiz Alberto Py, o mais importante é distinguir alegria e felicidade.

– Muitas pessoas confundem as duas coisas, mas são sentimentos distintos. – explica Py. – Alegrias são acontecimentos externos, ganhar uma medalha olímpica traz alegria, mas isso não significa que o atleta é feliz. Não podemos confundir momentos de alegria com felicidade porque duram pouco. A felicidade é a relação interna consigo mesmo e com a satisfação de estar vivo, da disposição em saborear os acontecimentos da vida.

Segundo o psicanalista, a pessoa pode estar triste e ser feliz.

– Dinheiro não é problema, problema é a falta dele, como diria Millôr Fernandes – brinca Py. – Porém, a saúde que esse dinheiro a mais pode

comprar não pode ser esquecida.

André Cunha Lima, dono da rede Joe&Leo's, é um exemplo de que só o dinheiro não faz a pessoa feliz. Aos 24 anos, depois de terminar uma pós-graduação em direito na Holanda, confirmou que não tinha vocação para a profissão. Decidiu correr atrás do sonho e foi abrir o próprio negócio.

– Há 15 anos, sou muito feliz porque faço o que gosto, acho que isso é o mais importante – acredita o empresário. – Sempre tive boa condição financeira, acho que o dinheiro é importante, mas não é tudo.

Fazer o que gosta também pode aumentar a renda e gerar felicidade. O cabeleireiro Glecciano Luz é aumentou a renda e se considera uma pessoa realizada e

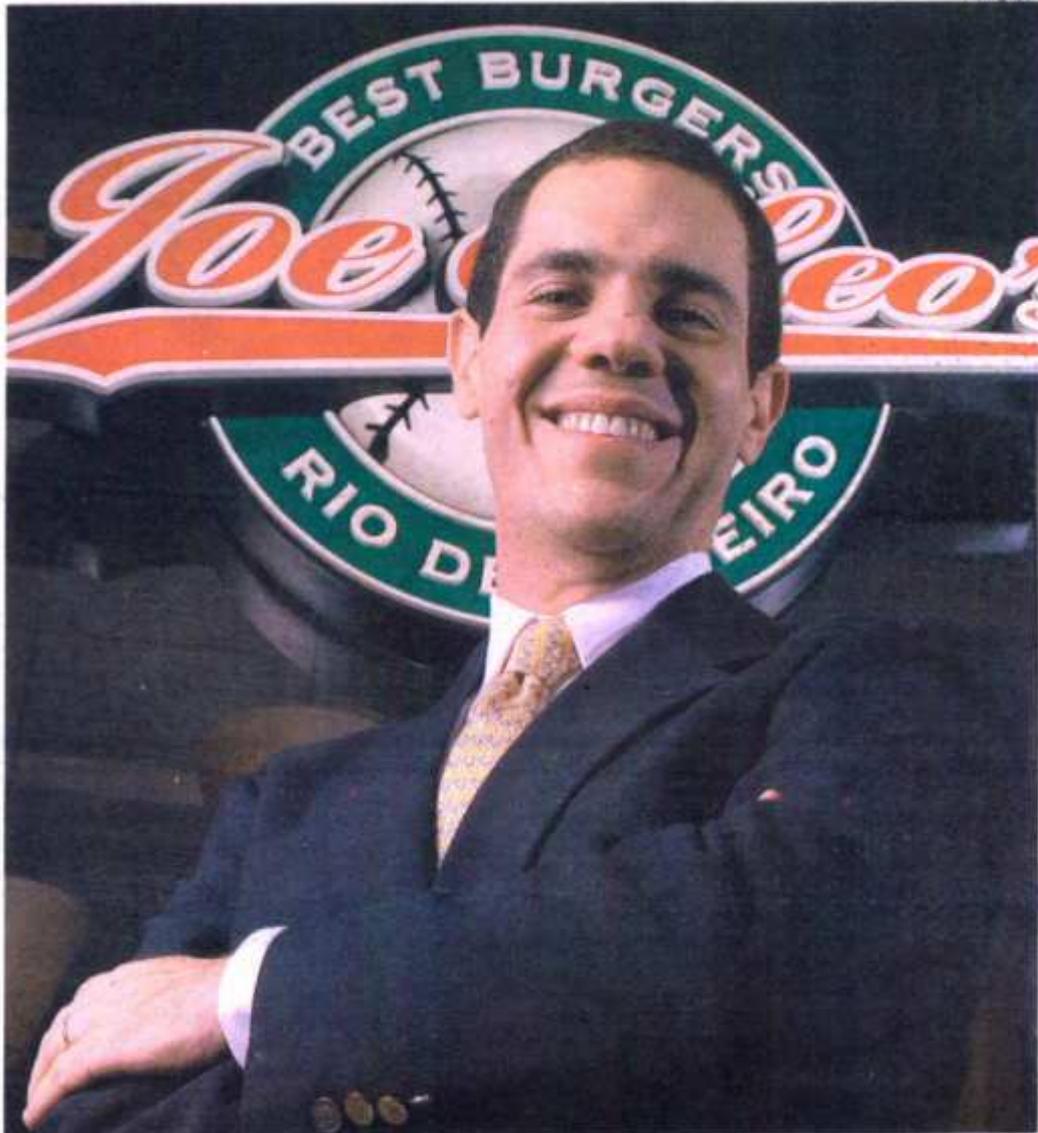
muito feliz. Formado em enfermagem e de família muito pobre da Região Serrana, há 20 anos começou a carreira em Petrópolis. Hoje, é dono de um badalado salão de beleza na Barra da Tijuca. Recebe clientes famosos, como o cantor Roberto Carlos.

– Acredito que meu crescimento profissional está atrelado diretamente à paixão pelo meu trabalho, mas principalmente pela alegria de estar vivo – afirma Glecciano.

– Não gosto de generalizar, mas na maioria das vezes a pessoa que perde tudo se sente menos feliz – constata a psicanalista Elana. – É lógico que existem pessoas que conseguem dar a volta por cima. Mas na maioria das vezes, perder dinheiro implica em se sentir infeliz.

“
Não podemos
confundir momentos
de alegria com
felicidade porque
duram pouco. A
felicidade é satisfação
de estar vivo e dar
valor a cada momento

Luiz Alberto Py,
psicanalista



SONHOS – O empresário André Cunha Lima só ficou feliz quando mudou de profissão e abriu a rede Joe&Leo's

ARTIGO

Dinheiro traz felicidade?

Marcelo Neri
ECONOMISTA

O senso comum nos informa que a felicidade pode ser considerada como o objetivo último na vida de cada pessoa. O estudo da satisfação com a vida tem interesse intrínseco bem como outras motivações, como a avaliação de políticas públicas alternativas e a solução de quebra-cabeças empíricos da economia. Em relação a este último aspecto, provavelmente o paradoxo mais intrigante a ser explicado é a correlação extremamente fraca que diversos estudos apresentam entre renda, a variável mais venerada em economia, e felicidade.

Inúmeros países que experimentaram um aumento drástico na renda real desde a Segunda Guerra não observaram um aumento no bem-estar auto-avaliado pela população, pelo contrário a mesma diminuiu. Em um dado ponto no tempo, a renda mais alta está positivamente associada à felicidade das pessoas, contudo ao longo do ciclo de vida e ao longo do tempo, esta correlação é fraca, como no chamado Paradoxo de Easterlin.

As pessoas adaptam suas aspirações aos maiores ingressos e se tornam mais exigentes à medida que a renda sobe. Como veremos mais adiante, esta visão foi recentemente desafiada por resultados

empíricos apresentados por Angus Deaton (2007). É muito cedo para escolher o lado da discussão, mas o lançamento dos novos dados do Gallup World Poll que cobrem mais de 150 países ampliam o horizonte geográfico da discussão, e o trabalho pioneiro de Deaton neles reembaralharam as cartas de felicidade com as notas de dinheiro. Sem ainda fazer apostas em dinheiro como causa principal da felicidade, discutimos a partir dos microdados deste mesmo conjunto de informações, cujo acesso foi propiciado pelo projeto sobre Qualidade de Vida do Banco Inter-Americano (BID), as relações entre renda e felicidade.

Iniciamos pelos mesmos dados de Deaton que está disponível para 132 países, explorando exercícios simples bivariados de satisfação com a vida em níveis e diferenças através de diferentes horizon-

tes contra o PIB per capita ajustado por paridade de poder de compra a fim de compararmos laranjas com laranjas entre países. O mergulho inicial do impacto da renda ao nível mundial sobre a satisfação com a vida nos informa que Togo ocupa a laterninha com 3,2 numa escala de 0 a 10 e a Dinamarca, o ápice com 8,02.

País de jovens

O Brasil está numa posição mais para a nação européia do que para a africana, atingindo 6,64, acima da norma internacional de felicidade dado o seu PIB per capita. A nossa pesquisa também informa que dinheiro traz a felicidade presente no Brasil e no mundo. Para cada 100% de aumento de renda a felicidade geral das nações sobe 15%. Mas o Brasil contraria um pouco esta norma internacional: o Brasil é número

As pessoas se tornam mais exigentes à medida que a renda sobe

22 no ranking mundial de felicidade presente acima da posição no ranking de renda número 52 de 132 países. Ou seja, temos mais felicidade presente que o nosso dinheiro no bolso sugeriria. Você está convidado a entrar no site da pesquisa feita em parceria com o Instituto Votorantim: www.fgv.br/cps/jovem

Além de satisfação presente com a vida, tiramos partido de questões sobre satisfação tanto prospectivas (cinco anos à frente). A juventude é um estado de espírito, não de-

terminado pela idade em si, mas pela postura da pessoa diante do futuro. O jovem seria aquele que acredita que o melhor da vida ainda está por vir. A pesquisa mostra que em termos globais, em um prazo de cinco anos, a felicidade futura cai com a idade do indivíduo de 7,41 aos 15 anos até 5,45 para aqueles com mais de 80 anos quando a felicidade presente e futura se equivalem. Na idade dos debutantes a média futura é 3,3 pontos melhor que a média de felicidade presente.

Calculamos o ranking global de felicidade futura. No Brasil é particularmente alta a expectativa em relação futuro supera qualquer um dos 132 países pesquisados. Ou seja, somos campeões mundiais de felicidade futura, ou de atitude jovem. Numa escala de 0 a 10 reportada diretamente pelos entrevista-

dos a nota média para a satisfação com a vida em 2011 era 8,78 no Brasil superando inclusive aos Estados Unidos (9º do ranking) e Dinamarca, líder mundial de felicidade presente, mas 3º do ranking de felicidade futura. O lanterninha é Zimbábue na África. Essa interpretação e dado permite reconciliar duas qualificações recorrentemente atribuídas ao Brasil: país jovem, por uns, e o país do futuro, por outros. A média de felicidade futura do brasileiro entre 15 e 29 anos é 9,29, também superior a qualquer um dos países pesquisados. Mais do que um país de jovens na sua composição demográfica, o Brasil é um país habitado por jovens de espírito jovem.

Chefe do centro de pesquisas sociais da FGV



ARTIGO

Há de se ter o direito de ser infeliz

Rodrigo de Almeida

Para Platão, felicidade pressupõe desejo. Desejo, ensina Santo Agostinho, pressupõe esperança. Esperança, diz Jeremy Bentham, pressupõe prazer. Prazer, recomenda Freud, pressupõe sofrimento. Sofrimento, sugere o bom senso, pressupõe resignação ou ação – que torna as pessoas mais ou menos felizes ou infelizes. Esse círculo de causalidades e paradoxos é um dos exemplos de como este sentimento moral, buscado e refletido universalmente como poucos, constitui um terreno pantanoso para quem espera alcançá-lo ou para quem pretende estudá-lo.

John Stuart Mill dizia que ninguém é o melhor juiz de si mesmo. Mas pergunte a qualquer um e qualquer um res-

ponderá algo, abrirá um caminho próprio, enxergará a trilha capaz de conduzir-nos ao paraíso. “Os homens todos, sem exceção, desejam ser felizes”, escreveu Pascal. “E esse o motivo de todas as ações dos homens, inclusive dos que vão se enforçar”. Tudo bem. Mas a distância entre desejo e prática é que são elas.

Na história das idéias, há uma infinidade de concepções de felicidade. Há de tudo e para todos os gostos. Filósofos gregos esperavam alcançá-la por meio da virtude ou da sabedoria. Os cristãos sempre crearam na ventura adquirida com a fé. Os iluministas, com o progresso e a razão. Outros, como Kant, Schopenhauer, Sartre e Heidegger, achavam impossível sua realização. Rousseau a via como algo incompatível com a civilização. Freud, idem. Economistas a tornaram o fe-

São auspiciosas as pesquisas que colocam brasileiros entre os mais felizes do mundo

tiche do crescimento econômico. Outros, associados a psicólogos sociais, dedicam-se ao campo da teoria econômica conhecida como Economia do Bem-Estar.

Maná

Não se confundam tais nomes com a enxurrada de livros de auto-ajuda que sufocam felizes e infelizes em geral. Aliás, para cada sujeito infeliz – porque a vida pode ser bacana, mas é também entristecedora – haverá sempre uma tese, um pensamento, uma linha dissonan-

te, uma proposta concordante sobre, afinal, o que é isso de que tanto se fala. O capitalismo ocidental – em geral, consumista, hedonista e individualista – transformou a felicidade em maná editorial. Há dois anos, quase 4.500 livros com a palavra happiness na capa eram oferecidos pela Amazon à sua clientela. Dá para desconfiar, não?

Não deixam de ser auspiciosas as pesquisas que colocam os brasileiros na linha de frente do que se chamaria um povo feliz – ou num patamar elevado de esperança em relação ao futuro. A felicidade, diga-se, é a prima rica da esperança. A combinação dos dois sentimentos morais é benéfica, especialmente se não resultar naquele tipo de sonho paralisante, que anestesia as potências criativas que todos em algum canto da alma ou em algum

momento da vida são capazes de possuir. Ao pé do farol não há luz, convém lembrar.

Mas nessa discussão toda, é preciso atentar para os riscos do que alguns autores chamam de "dever de felicidade" do mundo contemporâneo. É uma obrigação, esta sim, promotora de infelicidade e frustração. Há de se ter o direito a ser infeliz. Ou, como disse o psicanalista Contardo Caligaris, em entrevista recente ao **JB**, a felicidade tem muito mais a ver com a sensação de ter uma vida plena, na qual realizamos todas as nossas potencialidades, e com o sentimento de viver a vida com intensidade (reconhecendo e saboreando seus altos e baixos), do que com uma idéia de satisfação plena. Não se trata de mais uma tentativa de definir o sentimento, vício da maioria, mas de pôr um quê de dúvida onde se tenta vender certeza.